

# DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA MUDIÁTICA PARA CRIANÇAS E A VISADA DE CAPTAÇÃO

Maria Eduarda GIERING<sup>62</sup>

**Resumo:** Este artigo trata da divulgação científica destinada a crianças na mídia brasileira. Estudam-se características linguístico-discursivas de artigos publicados nas versões digitais das revistas *Ciência Hoje das Crianças*, *Mundo Estranho* e do Caderno *Folhinha da Folha de S. Paulo*. O objetivo é verificar como se apresentam títulos e subtítulos e ocorrências na introdução do corpo do texto que evidenciam a preocupação do produtor em aproximar-se do leitor, a fim de informar ou explicar questões do mundo sob a perspectiva científica. Adotam-se, para análise, a noção de contrato de comunicação midiática e a ideia de restrições discursivas impostas pelo contrato de mediação da ciência (CHARAUDEAU, 2008).

**Palavras-chave:** Divulgação científica. Discurso. Contrato de comunicação. Informar. Captar

**Abstract:** *This paper deals with scientific propagation intended to children in the Brazilian media. Linguistic-discursive characteristics of texts published in the digital versions of the magazines Ciência Hoje da Crianças, Mundo Estranho and Folha de S. Paulo are studied. The aim is to verify how headings and subheadings are presented, as well as aspects in the text body introduction which evidence the producer's concern about approaching the reader, in order to inform or explain world issues under a scientific perspective. The notion of mediatic communication contract and the idea of discursive restrictions imposed by the contract of science mediatization (CHARAUDEAU, 2008) are adopted for the analysis.*

**Keywords:** *Scientific propagation. Discourse. Communication contrac. Inform. Catch.*

## Introdução

A divulgação científica midiática tem conquistado diferentes espaços sociais, inclusive as escolas, e há um aumento significativo de ações da mídia com o objetivo de aproximar os saberes produzidos pelas ciências de um público amplo. Nesse contexto, cresceu muito a divulgação científica publicada na mídia endereçada a crianças. Poucos estudos discursivos, entretanto, investigam quais as características dessas publicações no Brasil. Com esse intuito, publica-se o

---

<sup>62</sup> Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PPGLA), Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, São Leopoldo, RS, Brasil. eduardajg@gmail.com

presente artigo, que se dedica à exposição de resultados de pesquisa sobre divulgação científica em textos de revistas e cadernos de ciência direcionados aos jovens.

Este trabalho mostra algumas peculiaridades do discurso de midiática científica dirigido ao público entre 7 e 12 anos. O corpus, formado por 62 textos de diferentes gêneros discursivos, foi retirado das revistas eletrônicas *Ciência Hoje das Crianças* e *Mundo Estranho* e no caderno *Folhinha* do jornal *Folha de S. Paulo on-line*. O critério básico para seleção dos textos foi tematizarem a ciência.

Os artigos foram analisados seguindo-se a proposta semiolinguística de Patrick Charaudeau (2008). Adotou-se especialmente a noção de contrato de comunicação da midiática da ciência e a postulação de características peculiares deste contrato, as quais se traduzem em certa organização discursiva e em procedimentos linguísticos.

A investigação procurou verificar como se revela, em publicações para o público infanto-juvenil, a dupla finalidade dos discursos de divulgação científica midiática, conforme Charaudeau (2006), a de informar (fazer saber) e a de captar o leitor (suscitar o interesse), considerando-se o contrato de comunicação específico da divulgação midiática da ciência (CHARAUDEAU, 2008).

Para isso, estudaram-se características dos títulos e subtítulos e ocorrências na introdução do corpo do texto que evidenciam a preocupação do produtor em aproximar-se do leitor, a fim de informar ou explicar questões do mundo sob a perspectiva científica.

### **O contrato de divulgação científica midiático**

É importante neste estudo a noção de contrato de comunicação postulado por Patrick Charaudeau (2006). Ela pressupõe que todos os indivíduos, ao se comunicarem entre si, levam em conta os dados da situação de comunicação, que determina a identidade social e psicológica dos interlocutores. Explica o linguista: “a situação de comunicação é como um palco, com suas restrições de espaço, de tempo, de relações, de palavras, no qual se encenam as trocas sociais e aquilo que constitui o seu valor simbólico” (CHARAUDEAU, 2006, p.67). Indivíduos que pertencem a um mesmo corpo de práticas sociais constroem um jogo de regulação dessas práticas a fim de justificá-las e de valorizá-las.

Por meio do contrato de comunicação, os parceiros de uma troca de linguagem reconhecem-se um ao outro com os traços identitários que os definem como sujeitos desse ato (identidade), reconhecem o objetivo do ato que os sobredetermina (finalidade), entendem-se sobre o que constitui o objeto temático da troca (propósito) e consideram a relevância das coerções materiais que determinam esse ato (circunstâncias).

Focalizando o discurso de divulgação científica, Charaudeau (2008) salienta, em seus estudos sobre midiaticização da ciência, que esse discurso aparece em situações de comunicação didáticas ou midiáticas. Por isso é fácil compreender que ele toma emprestado características de uma e de outra, e, às vezes, das duas ao mesmo tempo. Explica o linguista:

É preciso distinguir aquilo que se inscreve numa situação de ensino daquilo que se inscreve numa situação midiática. Pode-se até mesmo dizer que, no primeiro caso, ele se confunde com o discurso didático, partilhando da mesma finalidade, das mesmas posições identitárias dos sujeitos e do mesmo tipo de tema. Em contrapartida, aparecendo em uma situação midiática, o discurso de divulgação tem características próprias (CHARAUDEAU, 2008, p.17).

Em vista disso, Charaudeau propõe a distinção entre discurso de divulgação científica e discurso de midiaticização científica, sustentando que o primeiro, ao passar pelas mídias de informação

não é a tradução de um discurso científico de origem, escrito por autores especialistas em uma disciplina endereçada aos pares, mas um discurso construído pelo órgão midiático em função da finalidade de seu contrato de comunicação (CHARAUDEAU, 2008, p.19).

Em consequência, é possível determinar as situações específicas como variantes da situação global midiática, caso se leve em conta a identidade dos interlocutores, cuja especificidade repercute sobre a finalidade, o que privilegiará mais a credibilidade ou a captação.

As características particulares do discurso de divulgação científica em situação midiática, conforme Charaudeau (2008, p.12), podem ser verificadas por meio dos componentes do contrato de comunicação que se estabelece na interação. A identidade dos parceiros em relação à posição de saber, contrariamente àquela do discurso científico, é acentuadamente assimétrica. Quanto ao tema do discurso de midiaticização da ciência, embora ele corresponda a um objeto de saber como nos discursos científico e didático, vem, muito frequentemente, desatrelado da disciplina a que normalmente se liga, pois se supõe que o público não possua um corpo de referências. Isso produz um discurso explicativo sem possibilidade de estabelecer as marcas do domínio de conhecimento ao qual ele pertence, destaca o linguista (CHARAUDEAU, 2008).

As circunstâncias materiais são constituídas pelos suportes por meio dos quais se faz a transmissão da informação. No caso do *corpus* em estudo, trata-se de suportes em que se realiza o escrito-visual, circunstância que coloca em cena a informação de maneira diferente da que seria se o suporte fosse audio-oral, como é o caso do rádio, ou audiovisual, como a televisão.

Em relação à finalidade do discurso de divulgação científica midiática, ele apresenta uma dupla finalidade discursiva, a de informar e a de captar o leitor (suscitar seu interesse), “numa relação contraditória”, segundo Charaudeau (2008, p.17). Assim, o discurso de midiaticização da

ciência dá a conhecer ao público-leitor fatos já estabelecidos, o que faz com que o discurso produzido procure ser explicativo (discurso didático), ao mesmo tempo em que busque produzir suas próprias estratégias de captação (discurso midiático). Para Charaudeau (2008), a credibilidade do discurso de divulgação científica midiática dependerá do modo como se dá o manejo dessas estratégias.

Devido à necessidade de satisfazer a condição de captação midiática, o objeto de saber dos artigos de divulgação científica é transformado num acontecimento e de imediato tratado segundo as mesmas estratégias discursivas de dramatização, como um acontecimento qualquer da mídia em geral. Procede-se, então, conforme Charaudeau (2008, p.19), a uma “dessacralização” do discurso científico.

As características do contrato de divulgação científica midiática (doravante DCM) se traduzem em certa organização discursiva e procedimentos linguísticos. Dessa forma, para o linguista, os discursos DCM se submetem a quatro restrições gerais: de visibilidade, de legibilidade, de seriedade e de emocionalidade. A restrição de *visibilidade* é a que leva a mídia a dramatizar os acontecimentos. A *legibilidade* se caracteriza pela simplicidade sintática e lexical e pela figurabilidade<sup>63</sup>, que se traduz “nos procedimentos escrito-visuais de composição semiológica paratextual” (CHARAUDEAU, 2008, p.20). A restrição de *seriedade* leva o discurso de midiatização da ciência a se valer de procedimentos que buscam autenticar a instância de produção: emprego de elementos iconográficos (gráficos, mapas, etc.), da citação, de torneios metalinguísticos, de modos de organização descritivo e explicativo de discurso, entre outros, a fim de mediar a passagem do discurso científico para a linguagem cotidiana do leitor. Já a restrição de *emocionalidade* é marcada por todo procedimento que busca provocar efeitos afetivos. A opção por uma organização descritiva e narrativa, por exemplo, pode apresentar a pesquisa científica como “uma aventura em busca da verdade” (CHARAUDEAU, 2008, p.21), assim como o uso de um vocabulário metafórico e metonímico.

O contrato midiático que envolve o corpus desta pesquisa remete fortemente à condição de captação. Constata-se que os textos colocam em cena a informação de tal forma que essa participe de um espetáculo que, como todo espetáculo, deve sensibilizar o leitor, conforme prevê Charaudeau (2008) ao tratar dos discursos DCM.

Nos artigos de divulgação científica para crianças a condição de captação se apresenta de forma contundente, pois o jornalista ou o cientista que escreve para essa faixa etária está numa situação bastante desfavorável em relação ao seu leitor. Se o adulto precisa ser conquistado, mais ainda essa necessidade se impõe quando o leitor é uma criança, principalmente ao se considerar que

---

<sup>63</sup> O termo “figurabilidade” é tomado de Jacobi (2005, p.66), que assim denomina as características iconográficas abundantes nos documentos de divulgação científica.

as temáticas ligadas ao domínio das ciências (devido muito à forma como a ciência é tratada normalmente nas escolas) são de antemão alheias aos interesses imediatos dos leitores infantis, sem falar das dificuldades que se colocam em relação ao léxico próprio do discurso científico ou à complexidade do tema envolvido. A instância midiática, devido a essa delicada situação, conforme Charaudeau (2006, p.92), acha-se “condenada”, mais do que nunca, a “procurar emocionar seu público, a mobilizar sua afetividade, a fim de desencadear o interesse e a paixão pela informação que lhe é transmitida”.

## **A pesquisa**

Considerando essa base teórica semiolinguística, investigou-se o corpus para identificar elementos do contrato de comunicação. Das estratégias textuais-discursivas, estudaram-se os textos quanto às escolhas dos produtores textuais por formas de aproximação do leitor leigo. Neste artigo, enfocamos as formulações de títulos, subtítulos e partes do corpo do texto.

## **Características das publicações dirigidas ao público infantil**

O *corpus* dirigido às crianças se caracteriza por diferentes visadas: fazer-criar (2 textos), fazer-saber (20 textos) e fazer-compreender (35 textos).

Os artigos de fim discursivo fazer-compreender focalizam fenômenos do cotidiano do leitor ou fatos curiosos cujas características ou funcionamento são desconhecidos dele. Os fenômenos são desvendados pelo texto, fazendo o leitor compreender o “enigma” (*Por que temos que tomar banho?/ Por que os paleontólogos adoram encontrar excrementos petrificados de animais?*). Como afirma Coltier (1986, p.8) sobre a explicação, neste caso “o questionamento é ocasionado pela vontade de ir além das aparências, lançando-se em busca de informações a respeito de um fenômeno que não se deixa decifrar imediatamente”. O leitor, a partir da explicação, encara o fenômeno sob uma perspectiva diferente. Saliente-se que os textos de fim discursivo fazer-compreender, quanto a sua composição, organizam-se de acordo com a sequência explicativa (fase de questionamento – fase de resolução – fase de avaliação), conforme Adam (2011).

Nos artigos de fim fazer-saber, o produtor informa sobre os resultados de uma pesquisa ou descoberta (*Sabia mais sobre o estudo que encontrou no Brasil dez espécies de fungo que produzem luz!/ Crianças encontram pedaços de urnas funerárias indígenas de muitos séculos atrás*), valendo-se da estrutura da notícia. Aqui, o modo de organização narrativo predomina na composição do discurso.

A seguir, apresentam-se exemplos de estratégias linguístico-discursivas predominantes no corpus. Nessa exposição, após cada exemplo, acrescenta-se o fim discursivo almejado pelo texto, a fim de esclarecer o que estava na mira do produtor em termos de informação ou explicação científica. Ei-los:

- Títulos que remetem a conhecimentos populares:

(a) *Cara de um, focinho do outro* (dito) (FIGUEIRA, *CHC*<sup>64</sup>)

Fim discursivo: divulgar pesquisa que deu origem ao primeiro cão clonado do mundo.

(b) *Chove chuva, chove sem parar* (música) (FIGUEIRA, *CHC*)

Fim discursivo: divulgar pesquisa que aponta o lugar mais chuvoso do Brasil.

(c) *Espelho, espelho meu* (literatura infantil) (MATTOS, *CHC*)

Fim discursivo: divulgar pesquisa que comprovou que os elefantes se reconhecem diante do espelho.

(d) *Na segunda divisão* (futebol) (LOPES, *FSP*)

Fim discursivo: explicar por que Plutão perdeu o título de planeta

- Títulos (ou subtítulos) com questionamento – direto ou indireto –, correspondendo à fase de questionamento do par problema-solução dos textos cujo fim é explicar um fato ou fenômeno do mundo pelo viés da ciência:

(a) *Por que o biscoito fica mole?* (SILVA, *CHC*)

Fim discursivo: explicar o processo químico que faz com que os biscoitos amoleçam

(c) *Por que os paleontólogos adoram encontrar excrementos petrificados de animais?* (SOUTO, *CHC*)

Fim discursivo: explicar o objeto e a metodologia de estudo dos paleontólogos

(d) *Por que o bafo é quente e o sopro é frio?* (VASCONCELOS, *ME*)

Fim discursivo: explicar o processo biofísico do bafo e do sopro

(e) *Por que as girafas fedem?* (LOPES, *CHC*)

Fim discursivo: explicar a função biológica do mau cheiro das girafas

(f) *Saiba como várias espécies produzem sons e por que só alguns podem ser ouvidos pelo homem* (MEWS, C.M.; SZINWELSKI – *CHC*)

Fim discursivo: informar sobre como várias espécies de insetos produzem sons e o porquê de apenas alguns se tornarem audíveis pelo homem.

---

<sup>64</sup> Na exposição dos exemplos, para melhor identificação, após o sobrenome do autor, faz-se referência ao veículo do qual foi extraído: *Ciência Hoje das Crianças* (CHC), *Mundo Estranho* (ME), *Folha de S. Paulo* (FSP).

- Títulos com frases exclamativas que afetam emocionalmente o leitor

(a) *Não pise no co...prólito!* (SOUTO, CHC)

Fim discursivo: explicar o objeto e a metodologia de estudo dos paleontólogos

(b) *Descoberta de gente grande!* (CHAGAS, CHC)

Fim discursivo: divulgar a descoberta de urnas funerárias indígenas por meninos na Ilha do Marajó

(c) *Estrelas não caem!* (GONÇALVES, CHC)

Fim discursivo: explicar como os meteoros se desintegram ao entrar na superfície terrestre

(d) *Raios!* (MAGALHÃES, CHC)

Fim discursivo: explicar o que são os raios e como se proteger deles.

- Subtítulos que enfocam uma dramatização, seguido de uma narrativa

(a) *Senhoras e senhores, com vocês o papa-vento, um novo lagarto descoberto aqui no Brasil!* (MATTOS, CHC)

Fim discursivo: divulgar a descoberta de um tipo de lagarto no serrado brasileiro.

(b) *Crianças encontram pedaços de urnas funerárias indígenas de muitos séculos atrás!* (CHAGAS, CHC)

Fim discursivo: divulgar a descoberta de urnas funerárias indígenas por meninos na Ilha do Marajó

(c) *Com vocês...um dinossauro com penas e plumas!* (MOLICA, CHC)

Fim discursivo: divulgar a descoberta no Brasil de um fóssil que apresenta tanto características de aves quanto de dinossauros.

(d) *Naves invadem solo marciano* (NOGUEIRA, FSP)

Fim discursivo: informar sobre envio de robôs ao planeta Marte.

- Subtítulos com o emprego do verbo no modo imperativo, implicando especialmente uma demanda cognitiva do leitor:

(a) *Entenda o que são os meteoros e como eles se desintegram ao entrar na atmosfera* (GONÇALVES, CHC)

(b) *Descubra como a nata se forma e do que ela é feita* (SILVA, CHC)

(c) *Aprenda mais sobre as funções desse ato (pisar) que não serve só para paquerar* (CORREA, CHC)

- No corpo do texto, introduções que caracterizam uma fase de “preparação” do leitor, cujo objetivo é fazê-lo interessar-se pelo tema ou pela leitura do texto por meio de:

(a) Relato de história pessoal

*Estrelas não caem!*

*Entenda o que são os meteoros e como eles se desintegram ao entrar na atmosfera Quando morava em S. Paulo e acordava cedo, bem de madrugada, lá pelas 5h30, para correr um pouco sem o intuito de competir, eu reparava muitas vezes, quando olhava para o céu, que de repente uma estrela “caía”. E eu, todo contente, na hora fazia um pedido: na maioria das vezes, o meu desejo era ver outro desses objetos.*

*Aí vinha-me uma pergunta: por que uma estrela cai? O que são as “estrelas cadentes”? Uma estrela que não aguentou seu peso e de repente caiu? Ou será que Deus pegou uma estrela, pois estava sobrando no céu, e a “jogou”? Ou talvez fosse um controle de população de estrelas, para não ficarem muitas por aí atrapalhando as constelações... É só de vez em quando que vemos umas dessas cruzar o céu... Mas será que são mesmo estrelas? E o nosso Sol, será que um dia vai “cair”? [...] (GONÇALVES, CHC)*

Fim discursivo: explicar como os meteoros se desintegram ao entrar na superfície terrestre

(b) Relato de história em que o leitor é colocado como protagonista:

*Descoberta de gente grande!*

*Crianças encontram pedaços de urnas funerárias indígenas de muitos séculos atrás*

*Imagine a cena: você está brincando com seus amigos em um rio, quando encontra alguns pedaços de cerâmica com desenhos indígenas. Como eles parecem meio velhos e desgastados para você dar de presente à sua mãe, a melhor opção, à primeira vista, é devolvê-los ao lugar de onde vieram. Você faz isso várias e várias vezes e já está até ficando intrigado com as descobertas. Resolve, então, levar os pedacinhos para a escola.*

*Desconfiado, o diretor pede para que você comece a guardar tudo o que pegar nos rios. Pouco tempo depois, um geólogo (profissional que estuda a origem e constituição da Terra) passa por lá e descobre que os pequenos pedaços faziam parte de urnas mortuárias - usadas para enterrar os mortos - produzidas por índios de centenas de anos atrás! Parece um filme ou história em quadrinhos? Mas é verdade! Aconteceu com alguns meninos da ilha de Marajó, no Pará, que costumavam brincar às margens do rio Araramã. [...] (CHAGAS, CHC)*

Fim discursivo: divulgar a descoberta de urnas funerárias indígenas por meninos na Ilha do Marajó

(c) Questionamento da validade de saberes anteriores:

*Por que conhecer os dinos?*

*Estudar essas criaturas hoje ajuda a entender o mistério da vida no planeta em que vivemos*

*Tá bom, dinossauros são legais, impressionantes, mas não passam de um monte de ossos velhos, certo? Bem, até alguns anos atrás, era mais ou menos isso, sim. Mas, hoje, os pesquisadores olham para os dinos de outro jeito. Estudar esses bichos extintos é uma das tarefas mais emocionantes da ciência.*

*[...] (ANGELO, FSP)*

Fim discursivo: explicar porque é importante para a ciência estudar os dinossauros

(d) Referência a temas e situações supostamente já conhecidas do leitor:

*Cara de um, focinho do outro*

*Conheça Snuppy, o primeiro cachorro clonado do mundo*

*Snoopy, você conhece: é o cachorro do Charlie Brown, um beagle que tem como melhor amigo um pássaro chamado Woodstock. Mas será que já ouviu falar no Snuppy (repare na grafia diferente do nome)? É provável. Esse simpático filhote da raça afghan hound virou notícia. Adivinhe por quê! [...] (FIGUEIRA, CHC)*

Fim discursivo: divulgar pesquisa que deu origem ao primeiro cão clonado do mundo

***Ciência para fazer bolo***

*Três xícaras de farinha de trigo, três xícaras de açúcar, três ovos, um copo de leite, uma colher de manteiga e uma colher de fermento. Bata a manteiga com o açúcar até formar uma pasta. Depois, acrescente as gemas. Vá adicionando a farinha, o fermento e o leite sem parar de mexer. Como última etapa, bata as claras em neve e misture tudo. Coloque a massa em um tabuleiro e leve-a ao forno pré-aquecido. Em alguns minutos você poderá saborear um apetitoso bolo! Mas como foi que aquela massa viscosa mudou de aparência, transformando-se numa delícia de dar água na boca? [...] (MAGALHÃES, CHC)*

Fim discursivo: explicar o processo químico que transforma ingredientes em um bolo

- Avaliações emotivas de um objeto ou ser ou de uma ação, com frequente uso de frases exclamativas:

(a) *Com uma bússola no bico*

*[...] É, os pombos-correios são mesmo bichos incríveis. Vai dizer que você não ficou com vontade de trocar seu carteiro ou e-mail por um animal desses?! (PEGORIM, CHC)*

Fim discursivo: divulgar pesquisa que descobriu como os pombos-correios se orientam

(b) *Por que conhecer os dinos?*

*Tá bom, dinossauros são legais, impressionantes, mas não passam de um monte de ossos velhos, certo? Bem, até alguns anos atrás, era mais ou menos isso, sim. Mas, hoje, os pesquisadores olham para os dinos de outro jeito. Estudar esses bichos extintos é uma das tarefas mais emocionantes da ciência. (ANGELO, FSP)*

Fim discursivo: explicar por que é importante para a ciência estudar os dinossauros

(c) *Não pise no co...prólito!*

*[...] Aqui no Brasil, já foram encontrados vários coprólitos de diferentes animais, como dinossauros e mamíferos extintos. Eles variam de um a 20 centímetros e têm as mais variadas formas e cores. Agora, abra o olho para não pisar num coprólito! Se encontrar algum por aí, anote o local onde ele está enterrado e avise a um paleontólogo. Acredite, ele vai adorar! (SOUTO, CHC)*

Fim discursivo: explicar o objeto de estudo e a metodologia de pesquisa dos paleontólogos

- Emprego do pronome *você*, visando ao reconhecimento do leitor como alvo do apelo do produtor:

(a) *Vamos supor que você seja contratado para investigar a vida de algum animal. Qual seria seu primeiro passo? Procurar pegadas? Ossos? Se você permite que eu dê uma sugestão... Que tal tentar encontrar os excrementos desses animais? É isso mesmo, o cocô! (SOUTO, CHC)*

(b) *[...] Se, depois de ouvir essa história, você ficou interessado em procurar esse pesquisador para clonar o seu cachorro... Esqueça! [...]* (FIGUEIRA, CHC)

- Uso do recurso do humor no contexto das vivências infato-juvenis

(a) *Por que as girafas fedem?*

[...] *Mas lembre-se bem: o mau-cheiro das girafas pode trazer benefícios para elas, mas isso não significa que vá fazer bem pra você também! Portanto, nem adianta dizer pra sua mãe que leu no site da Ciência Hoje das Crianças que o fedor protege, porque o exemplo das girafas não é desculpa pra fugir do banho...* (LOPES, G., CHC)

Fim discursivo: explicar a função biológica do mau cheiro das girafas

(b) *Por que piscamos?*

*Aprenda mais sobre as funções desse ato que não serve só para paquerar*  
[...] *Se você vai responder que pisca para paquerar, saiba que existem outros motivos que justificam esse abrir e fechar de olhos que realizamos naturalmente. Com esse simples reflexo, lubrificamos nossos olhos e os protegemos de corpos estranhos presentes no ar.* (CORREA, CHC)

Fim discursivo: explicar as funções biológicas do reflexo de piscar

Observando-se os trechos transcritos dos artigos destinados ao público infantil, nota-se que os produtores, especialmente os da *Ciência Hoje das Crianças*, recorrem a variadas estratégias de aproximação do leitor, nas quais buscam, antes de mais nada, despertar-lhe o interesse pelo tema. Às vezes, inclusive, implicam diretamente seu destinatário por meio de marcas linguísticas específicas. Destaca-se também a recorrência de frases interrogativas e exclamativas, que objetivam principalmente a demanda de informação ou de conhecimento. Salienta-se ainda a preocupação em assinalar avaliações emotivas de ações empreendidas pelo cientista ou dos objetos que investiga.

### **Considerações finais**

É importante considerar que prevalece atualmente a ideia, como destaca Jacobi (2005), de que os leitores não são absolutamente ignorantes em relação aos temas postos. Na verdade, segundo esse linguista, os textos de divulgação científica costumam estabelecer dois modos de relação com os saberes anteriores dos leitores. “Eles buscam, por um lado, apoiar-se sobre as representações dos destinatários e, por outro, confirmar ou contradizer essas representações” (JACOBI, 2005, p.33). Para Jacobi, a divulgação científica estabelece um jogo ambíguo frente às representações populares: “De um lado, ela pretende destruí-las ao afirmar que elas são errôneas; de outro, a divulgação científica não se priva de se apoiar nelas, na verdade, de se utilizar delas nas comparações, metáforas, no recurso de registro familiar da língua” (JACOBI, 2005, p.35). É o que se constata nas opções de aproximação projetadas pelos produtores nos artigos do *corpus*.

Quando se relacionam as estratégias descritas às restrições do contrato de midiatização da ciência postulados por Charaudeau, verifica-se que a restrição de *emocionalidade* se impõe em maior grau.

Nos artigos DC dirigidos ao público adulto (GIERING, 2008), a relação com o leitor se dá diferentemente. Por exemplo, o produtor raramente implica o leitor por meio do pronome *você*, ou pelo uso de verbos no imperativo. Ele raramente faz uso da primeira pessoa para o relato de uma experiência pessoal, tampouco assinala no texto avaliações emotivas de um objeto ou ser ou de uma ação, como acontece no *corpus* infantil. Na verdade, nos artigos endereçados ao público adulto, o discurso acadêmico exerce influência mais forte do que nos artigos para crianças, embora também se observe a pressão da condição de captação, como não poderia deixar de ser já que se trata de discurso midiático. Mas a condição de *seriedade* prevalece, e informação é privilegiada.

Ao se comparar o *corpus* de artigos dirigidos a adultos com o direcionado ao público infantil, constata-se que escrever sobre ciência para crianças “dá mais trabalho” ao produtor, pois ele precisa mobilizar estratégias peculiares, muitas delas dispensáveis quando se trata de público adulto. É o caso das avaliações emotivas de objetos ou fenômenos do mundo natural ou de ações investigativas de cientistas. Esse tipo de estratégia assim como as demais descritas na análise se justificam pela necessidade de captar o leitor para ganhar credibilidade. Charaudeau (2010) explica:

É preciso que os sujeitos falantes ganhem em credibilidade e saibam captar o interlocutor ou o público. Ele<sup>65</sup> é, então, levado a apostar na influência, se valendo de estratégias discursivas em quatro direções: 1) o modo de *estabelecimento de contato* com o outro e o modo de *relação* que se instaura entre eles; 2) a construção da imagem do sujeito falante (seu *ethos*); 3) a maneira de tocar o afeto do outro para seduzi-lo ou persuadi-lo (o *pathos*) e 4) os modos de organização do discurso que permitem descrever o mundo e explicá-lo segundo os princípios da veracidade (o *logos*).

Os exemplos demonstram a opção por estratégias que buscam influenciar o leitor, a fim de provocar-lhe emoção e de seduzi-lo para a leitura do restante do texto. É intuito, além disso, sensibilizá-lo para os temas científicos, que, afinal, são mostrados à criança como não tão distantes de seu mundo. Trata-se, segundo Charaudeau (2010), de um processo de dramatização. Destaca-se também o empenho dos produtores em construir uma imagem de si como alguém que é carismático, que conhece o mundo do leitor, e que, por isso, merece sua atenção.

Para o produtor do artigo DC midiático dirigido às crianças, o empenho em envolvê-las por meio de estratégias de captação coloca-se como tarefa crucial, pois as características desse parceiro exigem escolhas linguístico-discursivas adequadas aos efeitos pretendidos para a satisfação do princípio de emoção, visando à descrição credível de um mundo inusitado a partir do universo de conhecimento e de vivência do leitor. O produtor precisa construir uma relação com seu destinatário em que se coloca como aquele que conhece o mundo de uma perspectiva nova e que convida o leitor a compreender esse mundo extraordinário e a desvendar ele mesmo seus mistérios.

---

<sup>65</sup> Charaudeau refere-se, aqui, ao enunciador.

Pode-se dizer que a divulgação científica midiática para crianças tem características muito particulares, constituindo um contrato de comunicação peculiar, de forma a seduzir os pequenos para o mundo da ciência e seus desafios.

## Referências

ADAM, Jean-Michel. **A linguística textual**. Introdução à análise textual dos discursos. 2. ed. S. Paulo: Cortez, 2011.

ANGELO, Claudio. Por que conhecer os dinos? Caderno Folhinha. **Folha de S. Paulo on line**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folhinha/dicas/di21010607.htm> Acesso em: 26 nov 2007.

CHAGAS, Catarina. Descoberta de gente grande! **Ciência Hoje das Crianças on line**. Disponível em: <http://cienciahoje.uol.com.br/2911> Acesso em: 28 nov 2007.

CHARAUDEAU, Patrick. **La médiatisation de la science**. Bruxelas: De Boeck, 2008.

\_\_\_\_\_. **Discurso das mídias**. S. Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. O discurso propagandista: uma tipologia. In: MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato. **Análises do Discurso Hoje**, vol. 3. Rio de Janeiro: Nova Fronteira (Lucerna) 2010, p.57-78.

COLTIER, D. Approches du texte explicatif. **Pratiques**, Metz, n. 5, p.3-22, sept. 1086. Tradução de Ignácio Antonio Neis.

CORREA, Beatriz Simões. Por que piscamos? **Ciência Hoje das Crianças on line**. Disponível em <http://cienciahoje.uol.com.br/98776>. Acesso em: 11 nov 2007.

CUNHA, Adriana Bonomo José Marcos. **Ciência Hoje das Crianças on line**. Por que temos que tomar banho? Disponível em: <http://cienciahoje.uol.com.br/103520>. Acesso em: 12 nov 2007.

FIGUEIRA, Mara. Cara de um focinho de outro. **Ciência Hoje das Crianças on line**. Disponível em: <http://cienciahoje.uol.com.br/3520> Acesso em: 03 dez 2007.

\_\_\_\_\_. Chove chuva, chove sem parar. **Ciência Hoje das Crianças on line**. Disponível em <http://cienciahoje.uol.com.br/controlPanel/materia/view/66118> . Acesso em: 20 nov 2011.

GIERING, Maria Eduarda. Gênero de discurso artigo de divulgação científica para crianças: estratégias retóricas e estrutura composicional. **Investigações** (Recife), v. 21, p.241-260, 2008b

GONÇALVES, Diego “Moicano”. Estrelas não caem! **Ciência Hoje das Crianças on line**. Disponível em: <http://cienciahoje.uol.com.br/controlPanel/materia/view/967> . Acesso em: 26 nov 2007.

JACOBI, Daniel. **Les sciences communiquées aux enfants**. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, 2005.

LOPES, Gisele. Por que as girafas fedem? **Ciência Hoje das Crianças on line**. Disponível em: <http://cienciahoje.uol.com.br/controlPanel/materia/view/1026>. Acesso em: 26 nov 2007.

LOPES, José Reinaldo. Na segunda divisão. Caderno Folhinha. **Folha de S. Paulo on line**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folhinha/dicas/di02090602.htm> Acesso em: 26 nov 2007

MAGALHÃES, Bruno. Ciência para fazer bolo. **Ciência Hoje das Crianças on line**. Disponível em: <http://cienciahoje.uol.com.br/controlPanel/materia/view/1177> . Acesso em: 26 nov 2007.

MAGALHÃES, Bruno. Raios! **Ciência Hoje das Crianças on line**. Disponível: <http://cienciahoje.uol.com.br/controlPanel/materia/view/2885>. Acesso em: 26 nov 2007.

MATTOS, Rosa Maria. Espelho, espelho meu. **Ciência Hoje das Crianças on line**. Disponível em <http://cienciahoje.uol.com.br/controlPanel/materia/view/64455> . Acesso em: 20 nov 2007.

\_\_\_\_\_. Um velho novo lagarto. **Ciência Hoje das Crianças on line**. Disponível em: <http://chc.cienciahoje.uol.com.br/um-velho-novo-lagarto/> . Acesso em: 21 nov 2007.

MEWS, C.M.; SZINWELSKI, N. Por que alguns insetos cantam? **Ciência Hoje das crianças on-line**. Disponível em <<http://cienciahoje.uol.com.br/114996>> Acesso em: 18 abril 2008.

MOLICA, Júlio. Com vocês... Um dinossauro com penas e plumas! **Ciência Hoje das Crianças on line**. Disponível em: <http://cienciahoje.uol.com.br/controlPanel/materia/view/50289> Acesso em: 12 nov 2007.

NOGUEIRA, Salvador. Naves invadem solo marciano. Caderno Folhinha. **Folha de S. Paulo on line**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folhinha/dicas/di07020401.htm> . Acesso em: 12 nov 2007.

PEGORIM, Eliana. Com uma bússola no bico. **Ciência Hoje das Crianças on line**. Disponível em: <http://cienciahoje.uol.com.br/controlPanel/materia/view/3247> Acesso em: 20 nov 2007.

SILVA, Joab Trajano. Por que o biscoito fica mole. **Ciência Hoje das Crianças on line**. Disponível em: <http://cienciahoje.uol.com.br/112280> Acesso em: 03 mar 2008.

SOUTO, Paulo Roberto de Figueiredo. Não pise no co...prólito! **Ciência Hoje das Crianças on line**. Disponível em: <http://cienciahoje.uol.com.br/2815> . Acesso em: 23 nov 2007.

VASCOCELOS, Yuri. Por que o bafo é quente e o sopro é frio. **Mundo Estranho on line**. Disponível em: [http://mundoestranho.abril.com.br/materia/materia\\_240747.shtml](http://mundoestranho.abril.com.br/materia/materia_240747.shtml) Acesso em: 07 jan 2008.